

Práticas de percussão e transtorno do espectro autista em projeto social: entrevistando pais e responsáveis

Ivo Pereira da Costa Neto

Universidade Federal de Santa Maria
orcid.org/0009-0009-4157-3562
ivo.brasil@hotmail.com

Ana Lúcia Louro

Universidade Federal de Santa Maria
orcid.org/0000-0001-8588-050X
ana.louro@ufsm.br

NETO, Ivo Pereira da Costa; LOURO, Ana Lúcia. Práticas de percussão e transtorno do espectro autista em projeto social: entrevistando pais e responsáveis. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 2, e32217, 2024.

Práticas de percussão e transtorno do espectro autista em projeto social: entrevistando pais e responsáveis

Resumo: Versa-se, com este trabalho, sobre os limites e as possibilidades da Educação Musical Inclusiva, considerando as práticas de percussão para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A problemática da pesquisa emerge das reflexões acerca das atividades desenvolvidas nas oficinas do Projeto de Percussão Social Atoque, em Santa Maria (RS). O objetivo geral é verificar os efeitos da intervenção musical da oficina de percussão, assim como a relação social e de aprendizagem de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), contribuindo para a sua inclusão social, a partir das narrativas de pais e responsáveis. A metodologia de estudo da pesquisa é qualitativa. Os dados foram levantados através de entrevistas semiestruturadas. As narrativas tornaram-se relevantes para esta pesquisa porque instigaram o educador a considerar a possibilidade de atuar como narrador protagonista ativo, como escritor de histórias que se constituem a partir de diversas situações de formação, retratando a importância da aprendizagem e da reflexão, caracterizando um diálogo aberto. Os sujeitos da pesquisa constituíram-se, nesta investigação, a partir da relação desenvolvida no Projeto de Percussão Social Atoque, com seis crianças e adolescentes de 9 a 17 anos, diagnosticados com TEA, a partir da perspectiva dos responsáveis.

Palavras-chave: Educação Musical Inclusiva, práticas de percussão, Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Percussion practices and autism spectrum disorder in a social project: interviewing parents and guardians

Abstract: This work deals with the limits and possibilities of Inclusive Music Education, considering the practices of percussion for children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research problem emerges from the reflections about the activities developed in the workshops of the Social Percussion Project Atoque in Santa Maria (RS). The general objective is to verify the effects of the musical intervention of the percussion workshop, as well as the social and learning relationship of children and adolescents with Autism Spectrum Disorder (ASD), contributing to their social inclusion, and narratives of parents and guardians. The research study methodology is qualitative. The narratives became relevant to this research because they instigated the educator the possibility of acting as an active protagonist narrator, as a writer of stories that are constituted from different situations of formation, portraying the importance of learning and reflection, characterizing an open dialogue. The research subjects were constituted in this investigation from the relationship developed in the Social Percussion Project Atoque, with six children and adolescents from 9 to 17 years, diagnosed with ASD, from the perspective of those responsible.

Keywords: Inclusive Music Education, percussion practices, Autism Spectrum Disorder (ASD).

Prácticas de percusión y trastorno del espectro autista en proyecto social: entrevistando padres y responsables

Resumen: Se trata, con este trabajo, sobre los límites y las posibilidades de la Educación Musical Inclusiva, considerando las prácticas de percusión para niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista (TEA). La problemática de la investigación surge de las reflexiones acerca de las actividades desarrolladas en los talleres del Proyecto de Percusión Social Atoque en Santa María (RS). El objetivo general es verificar los efectos de la intervención musical del taller de percusión, así como la relación social y de aprendizaje de niños y adolescentes con Trastorno del Espectro Autista (TEA), contribuyendo para su inclusión social, a partir de las narrativas de padres y responsables. La metodología de estudio de la investigación es cualitativa. Los datos fueron recogidos a través de entrevistas semiestruturadas. Las narrativas se volvieron relevantes para esta investigación porque instigaron al educador la posibilidad de actuar como narrador protagonista activo, como escritor de historias que se constituyen a partir de diversas situaciones de formación, retratando la importancia del aprendizaje y de la reflexión, caracterizando un diálogo abierto. Los sujetos de la investigación se constituyeron en esta investigación a partir de la relación desarrollada en el Proyecto de Percusión Social Atoque, con seis niños y adolescentes de 9 a 17 años, diagnosticados con TEA, a partir de la perspectiva de los responsables.

Palabras clave: Educación Musical Inclusiva, prácticas de percusión, Trastorno del Espectro Autista (TEA).

Introdução

Enquanto educador musical na área da percussão, venho desenvolvendo o meu trabalho em projetos sociais, na cidade de Santa Maria, desde 2012. No decorrer dos anos, muitas experiências foram somadas, e uma das mais marcantes ocorreu em 2016, quando, em uma das oficinas ministradas por mim, recebi, como participantes, dois meninos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir desse momento, iniciei o trabalho com essas crianças e, durante esse processo, comecei a compreender as possibilidades que a música proporciona para uma melhoria no desenvolvimento da interação social, assim como no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e cultural para esses sujeitos. Com isso, percebi os desafios que as situações de ensino e aprendizagem apresentavam.

Neste texto¹ abordarei relatos de pais e responsáveis por 6 alunos autistas que participaram dessa oficina no período de março de 2019 a dezembro do mesmo ano, e que, em 2020, seguiu com apenas um dos 6 alunos. Foi a partir desta experiência que se originou a presente pesquisa com o objetivo de analisar, a partir da perspectiva dos pais e responsáveis, os efeitos da intervenção musical da oficina de percussão na relação social e na aprendizagem de crianças e adolescentes com TEA, utilizando-se de dados coletados através de diários de aula, narrativas dos familiares, gravações de áudio e vídeo e explicitando a decorrente experiência vivenciada para colegas de profissão e de outras áreas do conhecimento.

Nessa direção, esta pesquisa tem como finalidade verificar, por meio de elaborações teóricas, a partir de professores(as) pesquisadores(as) – tais como Souza (2008), Chiarelli e Barreto (2005), Brito (2003), Góes (2009), Arroyo (1999), Kater (2004), Kleber (2005), Oliveira (2012), os(as) quais compõem a área da educação musical, da educação musical inclusiva e de projeto social –, quais são os possíveis benefícios que a música possibilita para os sujeitos que com ela se relacionam através de processos pedagógicos que permeiam a prática e a apreciação crítica, destacando a percepção a partir do trabalho com crianças e adolescentes com deficiência (TEA). Ao desenvolver essa investigação, busquei respostas para as minhas reflexões como educador musical em pesquisas já existentes nesse campo,

¹ Desdobramentos de uma dissertação de mestrado defendida e aprovada em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

e, assim, pretendi justificar a intervenção da oficina de percussão na contribuição para a inclusão, desenvolvimento da psicomotricidade e socialização, trazendo contribuições para o debate sobre o possível papel da música para o tratamento de crianças e adolescentes com TEA e sua formação humana, bem como dos demais envolvidos.

No ano de 2014, ingressei no Projeto Social Atoque, como Educador Musical, atuando nas oficinas de percussão. A Atoque foi fundada em 2002 e compreende uma rede de percussionistas que atendem em torno de 350 alunos na cidade de Santa Maria e região, a partir de um método próprio de ensino e aprendizagem. Todas as oficinas ofertadas pela Atoque são gratuitas e atendem crianças de escolas pertencentes à Rede Municipal de Educação de Santa Maria, além de turmas ofertadas em sua sede. A maioria dos alunos frequentadores das oficinas encontra-se em situação de vulnerabilidade social e a Atoque é o principal acesso das crianças à Educação Musical, uma vez que, segundo seus relatos, não tinham aula de música na escola.

As oficinas da Atoque são financiadas pela Lei de Incentivo à Cultura (LIC), com turmas compostas de 8 a 10 alunos. Inicialmente, atuei em três oficinas de percussão (duas delas em escolas municipais de Atoque e uma na sede do projeto). Em 2016, estive à frente da oficina ministrada na sede do projeto, em que ingressaram dois meninos que apresentavam comportamentos que chamaram minha atenção. No decorrer da primeira aula, observei neles algumas diferenças relativas à concentração, comunicação e execução de movimentos simples solicitados durante o desenvolvimento das sequências didáticas aplicadas em aula. Um desses alunos não atendia ao que era solicitado e ficou em silêncio do início ao fim da aula. O outro parecia insatisfeito, inquieto. Quando busquei trazer seu foco e concentração para as atividades propostas, por vezes, apresentou reações de fala agressiva.

Neste primeiro dia, continuei com o planejamento que consistia em pequenas explicações e exercícios simples de aproximação dos alunos com os instrumentos. Ao final da aula, os familiares desses estudantes vieram ao meu encontro e, junto a eles, estava um dos Terapeutas Ocupacionais do CAPSI (Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Santa Maria), que havia indicado as aulas de percussão como uma possibilidade de melhora no desenvolvimento dessas crianças.

Crianças e adolescentes TEA

Para preservar a identidade desses sujeitos, utilizarei as iniciais de seus nomes em ambos os casos. O primeiro, LH, é um menino de onze anos que, segundo a mãe, tem diagnóstico de Hiperatividade e Transtorno de Espectro Autista moderado. A mãe de LH relatou que ele foi afastado, por diversas vezes, do atendimento especializado do CAPSI, por apresentar comportamento agressivo e violento, e, por isso, estavam tentando as aulas de percussão para “acalmar o LH”. Durante a conversa, a mãe relatou a dificuldade de permanência de LH em atividades escolares e extraescolares, bem como as muitas reclamações referentes ao “não atendimento” de ordens dadas pelos professores, e, em consequência disso, de seu baixo rendimento nas atividades.

O segundo aluno, JA, com 11 anos, estava acompanhado pelo pai, o qual afirmou que seu filho apresentava déficit intelectual e Transtorno de Espectro Autista (TEA). O pai ainda relatou que o filho tinha considerável dificuldade linguística e de comunicação, além de não estar alfabetizado, mesmo frequentando a escola regular. JA, conforme o pai, devido a essas fragilidades, apresentava dificuldades em relação à socialização com outras crianças e com outros grupos sociais que não fossem sua família.

Naquele momento, confesso que fiquei com o sentimento de medo por não estar preparado para trabalhar com alunos com deficiências, tamanha a responsabilidade que deveria assumir para contribuir com a aprendizagem desses sujeitos. É importante destacar que durante meu curso de graduação não tive acesso à conhecimentos pedagógicos que pudessem qualificar o trabalho com um público composto por alunos com deficiência.

Decisões da metodologia de ensino: alguns diálogos com a literatura

A partir do referido momento, comecei a trabalhar com os dois meninos autistas da mesma forma como trabalhava com os demais alunos, sem considerar de forma destacada suas limitações, provavelmente por não ter aprofundamento e conhecimento sobre as deficiências e práticas pedagógicas pertinentes. Porém, considerando o que afirma Mantoan (1998) sobre “não se deter na deficiência em si, mas sim nas possibilidades e capacidades de aprendizagem que estas pessoas

possuem”, fui desenvolvendo minha prática de maneira intuitiva com aqueles estudantes, e os resultados foram aparecendo. Ao longo do período, familiares de crianças e adolescentes com características semelhantes às dos alunos citados foram à procura da oficina.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa e a partir das minhas inquietações acerca de meu trabalho como educador musical, atuando em projetos sociais – na busca do conhecimento individual, da socialização, da inclusão e da cultura de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social ou excluídos da sociedade –, pude observar que “[...] a música tem um potencial formador na vida dos indivíduos que com ela se relacionam, contribuindo assim para a sociedade” (Karter, 2004, p. 43). Ainda, conforme o autor:

[...] verificamos um questionamento cada vez mais frequente sobre as possíveis orientações que pode ter a formação de músicos e de educadores musicais nas universidades públicas brasileiras. Reflexão ainda não suficientemente aprofundada nem implementada na proporção da importância que as funções do músico e do educador musical têm e podem vir a ter progressivamente em nossa sociedade (nos centros urbanos e periferias) (Kater, 2004, p. 43).

Ademais, seguindo essa perspectiva, o autor destaca que:

Música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade (Kater, 2004, p. 44).

Em relação à música como possibilidade e descoberta, Kater (2014, p. 44) cita Karl Kraus, afirmando que é preciso “[...] enxergar abismos nos lugares comuns”, com o intuito de problematizar e desbanalizar nossa leitura usual das coisas do mundo ou, a exemplo do que comumente é dito e ouvido, “[...] ver o mundo pela primeira vez”, enfatizando aqui a força da observação, sua liberdade, a suspensão dos padrões que intermediam nossa relação com as coisas do mundo. Isso tudo implica na relação com a profissão, com a cultura e com as pessoas de forma menos filtrada por modelos de pensamento que, em geral, provêm de fora e de outro tempo.

No que concerne à intervenção de educadores musicais em projetos sociais para contribuir na compreensão do desenvolvimento musical e na formação cidadã, Kater (2004, p. 46) afirma que “[...] no caso da educação musical, temos tanto a tarefa do desenvolvimento da musicalidade e da formação musical, quanto o aprimoramento humano dos cidadãos pela música”. Em razão disso, o autor conclui que “[...] a educação musical representa uma alternativa prazerosa e especialmente eficaz de desenvolvimento individual e de socialização”.

O Projeto Social potencializa uma rede de apoio mútuo entre professores e a comunidade. Para Rozzini (2012),

[...] no projeto social é necessário motivar, mobilizar, criar uma rede de apoio externo, captar recursos, comunicar interna e externamente, ser perseverante, ser positivo. É preciso acreditar no potencial dos participantes. É essencial deixar a expressividade fluir naturalmente, para entender o funcionamento das pessoas e suas relações. Essas são algumas implicações e prerrogativas necessárias para o funcionamento de espaço de educação, fora do contexto escolar. Na verdade, entendo que características estas também seriam desejáveis para o espaço escolar (Rozzini, 2012, p. 94-95).

A ênfase nas relações constituídas entre os atores envolvidos nesses projetos também é afirmada por Tólio (2017), quando destaca que

[...] considerar todo o contexto envolto do aluno é fundamental em projetos de cunho social e, através de pesquisas sociológicas, poderá revelar expectativas e concepções do espaço familiar. Outro aspecto a ser destacado é que emerge nas pesquisas de socialização a capacidade de o próprio sujeito intervir (Tólio, 2017, p. 27).

Na interlocução entre Rozzini (2012) e Tólio (2017), é destacado o potencial do aluno, o espaço para que desenvolva naturalmente sua expressividade; essa ação compreende um “olhar” de capacidade perceptiva e de análise crítica do educador musical em sua prática como educador.

Com formação musical como bacharel em percussão e tendo em vista meu interesse pela prática docente em projeto social, concordo com a percepção trazida por Junges (2013)², a qual argumenta:

² Estas três últimas pesquisas de Pós-Graduação estão ligadas direta ou indiretamente ao Grupo de Pesquisa NarraMus da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), liderado por Ana Lúcia Louro e Maria Cecília Torres e certificado no CNPq.

Além da experiência e meu amadurecimento profissional, descobri o interesse e o prazer pela prática docente e, particularmente no projeto social, houve um despertar em mim, referente à que contribuição eu poderia dar para sociedade, através da minha vida e do meu trabalho. Como eu poderia “fazer minha parte” por um mundo mais humano e justo (Junges, 2013, p. 16).

Frente às considerações da professora/pesquisadora Junges (2013), é imprescindível considerar o quanto são transformadoras as práticas musicais em projeto social para os alunos participantes e, paralelamente, para os docentes na sua formação humanística; há um processo de doação e enfrentamento dos múltiplos desafios que são encontrados durante esse percurso.

A educação musical inclusiva: aproximações teóricas

A educação musical inclusiva, como forma de aprendizado coletivo, assevera que todos os sujeitos devem aprender juntos, independentemente do espaço, seja em escola formal, seja em escola informal de música. Esse pressuposto parte da necessidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós, profissionais, contribuindo com vivências e aprendizagens significativas. Segundo Chiarelli (2005), as atividades pedagógicas relacionadas à música podem servir de estímulo para as crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças com deficiência. Assim, vai ao encontro com Souza (2008) que, em relação ao tratamento dos alunos com TEA, defende que o respeito ao convívio dos desiguais de maneira igualitária, reconhecendo as desigualdades, é fundamental.

Então, o desenvolvimento sociocultural, cognitivo e de inclusão desses alunos corrobora com a reflexão acerca da prática do Educador Musical, que pode se apropriar da ferramenta que é a música como inclusão social, podendo ser considerado, a partir de mais investigações. Num auxiliar do desenvolvimento intelectual e motor de crianças e adolescentes com autismo. Chiarelli e Barreto (2005) justificam que as atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, o que permite a comunicação com o outro. Os autores afirmam que atividades podem contribuir de maneira indelével como reforço no desenvolvimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo.

Esta investigação constitui uma reflexão acerca das relações sociais, de aprendizagem e de inclusão, as quais se estabelecem no âmbito das aulas de percussão de um projeto social. Busca-se perceber como as aulas de percussão, observadas como práticas não-escolares, contribuem ou não para inclusão social, para a aprendizagem e para o desenvolvimento comportamental dos sujeitos que fazem parte da oficina. A proposta desta pesquisa é despertar o interesse pela música como ferramenta de auxílio ao tratamento e como um estímulo à aprendizagem para sujeitos com TEA, sendo a música uma forma de expressão, aprendizagem e inclusão. Segundo Mantoan (2003, p. 9), “a perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade do reconhecimento do valor e das diferenças”.

De acordo com Rodrigues e Pereira (2011), o ensino musical é imprescindível para as crianças e adolescentes. Segundo afirmam, as atividades musicais exploram aspectos diversos (dentre eles, o psicomotor, o cognitivo, além da linguagem, da socialização e da atividade de vida diária). Para os pesquisadores, a música constitui um processo global de aprendizagem e melhora a orientação do aluno e a sua compreensão das demandas de atividades.

Destaco, ainda, que esta pesquisa se dá por meio das narrativas de seus participantes: educador, familiares e alunos. De março de 2019 a dezembro, participaram da oficina seis alunos autistas, sendo 5 meninos e uma menina. Foi entrevistado um total de 5 responsáveis (2 pais, 1 avó, e 3 mães). As aulas tinham a duração de 45 minutos e ocorriam uma vez por semana, aos sábados, na sede do projeto. Durante o período de atividade, os pais estavam presentes na escola, mas no exterior da sala de aula, podendo, assim, auxiliar, caso fossem requeridos pelo professor. A importância da participação destes nas aulas, para sua constituição cultural, seus processos de desenvolvimento e diferentes aprendizados faz parte do percurso investigativo. A proposição é refazer este percurso através das narrativas desses sujeitos, de seus relatos, de suas histórias, pois a sua interpretação a respeito do projeto se torna primordial para a compreensão de seus efeitos na vida dos envolvidos. Conforme Abrahão (2004, p. 10), “a narrativa é uma modalidade de pensamento e uma forma de organizar a experiência vivida”.

Sendo desenvolvida principalmente por meio de entrevistas e tendo viés (auto)biográfico de reflexão pessoal sobre a própria prática, a presente pesquisa se

difere da metodologia de Paiva e Pozzi (2017), que tinha maior ênfase em relatórios semanais descritivos, ainda que também se utilizassem de entrevistas com os pais. Tal pesquisa foi feita com 10 crianças entre 5 e 12 anos de idade, com aulas de Educação Musical e percussão na cidade de Itajaí, em Santa Catarina. No entanto, os dados da presente pesquisa se aproximam do estudo desses autores, em diversos aspectos, principalmente quando descrevem:

De acordo com os depoimentos dos pais e responsáveis, pode-se observar melhora na comunicação e interação com o outro, na coordenação motora, no controle de impulso e iniciativa. Também foi descrita prática domiciliar de transformar utensílios domésticos em instrumentos, aceitação de sons que antes eram considerados aversivos e maior familiaridade com instrumentos musicais. O envolvimento das famílias pode ser considerado como um fator de extrema importância, pois eles garantiram de certa forma a continuidade das atividades realizadas em aula, durante toda a semana, havendo dezenas de relatos da realização de conversas sobre a aula de música, construção de instrumentos e apreciação musical das crianças junto das famílias (Paiva; Pozzi, 2017, p 479 e 482.)

Metodologia de pesquisa

Esta pesquisa, portanto, é qualitativa, porque depreende de narrativas registradas a partir de entrevistas semiestruturadas, as quais contribuem com a construção do percurso teórico. No que concerne à pesquisa qualitativa em educação musical, Bresler (2007, p. 08) afirma que “[...] nosso compromisso como professores de música e músicos, que lidam com a fluidez do som e do movimento, possa nos sensibilizar para a fluidez da experiência pessoal e cultural, que são o coração da pesquisa qualitativa”. A narrativa, afinal, retrata a importância de memórias na construção de experiências vividas, portanto, todos os dados coletados foram estudados por análise interpretativa (processo de reflexividade), por meio da qual o pesquisador busca descobrir o sentido dos dados qualitativos.

Na compreensão da pesquisa qualitativa, André (2004) afirma que “[...] as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados”. Ainda, é imprescindível relatar que, durante o percurso desta pesquisa, nos deparamos com o contexto de isolamento social causado pela

pandemia de Covid-19 em todos os países do mundo. Portanto, neste período foi realizada atividade remota com um dos alunos.

Uma “fermata pandêmica”³

Buscando analisar quais foram os efeitos da intervenção musical da Oficina de Percussão nas relações sociais, na psicomotricidade, na linguagem e na melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes com TEA, constatamos através dessa pesquisa, que a música tem uma importante finalidade no auxílio do tratamento de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os relatos coletados, nessas entrevistas, apontaram que a Oficina de Percussão trouxe benefícios para a vida dos educandos.

Com a Oficina de Percussão, além da inclusão dessas crianças e adolescentes, outras contribuições foram verificadas. Dentre elas, está a melhoria no desenvolvimento da dicção, a exemplo do que relata o pai do JA, após as aulas remotas de apreciação musical. Essas aulas foram realizadas por meio de encontros virtuais, pelo Google Meet, a partir do ano de 2020, devido ao alastramento da Covid-19 e, como consequência, da necessidade de isolamento social, visando ao controle do vírus – o que permitiu a continuidade desta pesquisa.

A prática consistiu na doação de aproximadamente quarenta CDs ao aluno, a partir dos quais deveria escolher, semanalmente, um cantor, uma cantora ou uma banda, a fim de elaborar uma pequena pesquisa, apresentando informações bibliográficas, dentre outras informações que encontrasse, preferencialmente, sem auxílio do responsável. A partir dessa atividade, realizada em um período aproximadamente quatro meses (setembro a dezembro de 2020), o aluno JA desenvolveu uma melhoria na dicção e na leitura, pois precisava ler textos disponíveis na internet com essas informações, o que colaborou com o seu aprendizado escolar e sua concentração. Há de se destacar que a atividade, envolvendo leitura e pesquisa, foi proposta a partir de um tema de interesse do educando, motivando-o na realização.

³ Este termo é utilizado no texto “Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica”, de Estela Kohlrausch e Rodrigo Sacco Teixeira, sobre aulas durante a Pandemia de Covid-19.

Análise de dados

O interesse dos participantes da Oficina compreende um elemento utilizado com a finalidade de motivação. Como relata a avó de JP, nas atividades escolares ela se apropriava, com sucesso, de certa “chantagem”, indicando que, para participar das aulas de percussão, ele deveria terminar os exercícios da escola. A chantagem não é o melhor caminho, mas, nesse caso, é a melhor forma que a avó encontrou para despertar o interesse pela escola, assim como apresentado em relação às aulas de percussão.

Quando questionados a respeito da contribuição das aulas de percussão na melhoria do desenvolvimento dos alunos, os responsáveis apontaram, na maioria das vezes, o processo de interação social como um dos pontos mais significativos. De fato, a Oficina de Percussão é um espaço diferenciado, com o qual se possibilita a interação entre os alunos de forma mais orientada, tendo em vista que, ao contrário dos espaços educativos regulares, há convivência com um grupo reduzido de crianças. Possivelmente, isso intervenha na concentração dos participantes, como aponta a avó de JP: “[...] o JP, que tem hiperatividade e déficit intelectual, começou a ter mais concentração na aula... Mesmo ele tomando medicação, antes ele era muito mais agitado... E até o padrão do sono dele melhorou e sua convivência com o C (seu irmão autista)” (Avó, dezembro, 2019).

No relato a seguir, a mãe de CE e de CH contribui com a fala da avó, citada acima, com relação à convivência entre os irmãos que, pela primeira vez, compartilhavam uma atividade juntos:

Muita coisa melhorou... Assim, no sentido da relação entre os dois, né? Que o CE é autista e o CH não é... Mas, aí, eles não tinham nenhuma atividade juntos... É que o CE gosta de umas coisas, CH de outras, e essa foi a única coisa que a gente achou, alguma coisa que os dois gostam de fazer juntos... Melhorou a relação entre os dois (Mãe, dezembro, 2019).

Nesses dois relatos, os pais apontam que a relação entre os irmãos melhorou após o ingresso nas aulas de percussão. Conforme relatado pela mãe de CE e CH, os irmãos, pela primeira vez, têm uma atividade juntos. Em consonância, a avó de C e de JP também concorda com esta afirmação, e comenta que até mesmo a concentração JP, em sala de aula, melhorou consideravelmente e que, além disso, a

atividade na Oficina contribuiu no padrão do sono de seu neto e na sua agitação, contribuindo, assim, para uma melhor qualidade de vida para o menino.

Essas narrativas respondem à questão sobre as mudanças de comportamento dos sujeitos depois de ingressarem na oficina de percussão, considerando que, devido às atividades coletivas, em conjunto, irmãos com e sem TEA transformaram suas relações, reverberando na convivência em casa, que passou a ser mais colaborativa. Além disso, pôde ser verificado um aumento na autoestima, como aponta o relato da mãe do AG, quando destacou que seu filho apresentou uma significativa melhora nesse aspecto.

Contribuindo com o relato da avó de JP e de C, a Mãe e o pai de CE também comentaram sobre a contribuição da Oficina em relação ao sono de seu filho, trazendo, assim, uma melhor qualidade de vida para esse sujeito. Com isso, os benefícios não foram observados apenas em seus filhos e neto, mas refletiram também na qualidade de vida dos pais e da avó, ou seja, os responsáveis. Conforme afirmaram a mãe e o pai de CE: “agora, hoje, depois da aula de ontem, depois do descarrego dele (tocar), ele tomou a mesma quantidade de remédio... E ele dormiu bem mais tranquilo”. Para além disso, eles relataram: “lembra que eu falei ontem... Que ele estava bem estressado (ansiedade)... Depois do descarrego de ontem, ele se acalmou...” (Mãe); “E parece que ele vem pra aula, toca, descarrega sua tensão” (Pai) (Mãe/Pai, dezembro, 2019).

Nessa direção, os pais de CE corroboraram com o mesmo argumento apresentado pela avó acima citada, relatando que a interação experimentada na Oficina de Percussão reverberou na forma com que o aluno (com TEA) se relacionava dentro de casa. Tais relatos auxiliam na compreensão de como a música pode ser uma ferramenta de interação, beneficiando, positivamente, casos como esses. Novamente, foi percebida uma melhoria comportamental do sujeito com TEA, após o ingresso na Oficina.

O pai do JA reiterou que, para executar uma música, o aluno precisa de concentração. À vista disso, a música representa uma grande ferramenta, colaborando na concentração desses sujeitos:

Esse é um grande problema dele... É um dos problemas que ele tinha: essa falta de concentração nas coisas, né? É uma das características, porque ele não é só autista, tem mais dois distúrbios... E... Né... E, então,

esse um grande problema, porque, assim, a música, se tu tiver desconcentrado, não sai, né? Mas, na concentração, ajudou muito... O que era um dos problemas que ele tinha de concentração, sim (Pai, dezembro, 2019)⁴.

Na mesma direção, a mãe de VV relatou que a Oficina tem colaborado na socialização: “[...] eu acho que são para evolução dela de socialização, integração e novas amizades, novo ambiente... Isso aí é muito importante para criança: oportunidade nova, novos conhecimentos” (Mãe, dezembro, 2019). No próximo relato, a avó mencionou que seu neto não vinha frequentando as aulas escolares, ao contrário do que ocorria na Oficina de Percussão que, no momento, era a única atividade de socialização de C:

[...] Hoje é só dizer pra ele: “Hoje tem aula de música!”. Ele corre e vai tomar banho, diferente da escola... Ele, aqui, ele adora vir... Mas, pra ele, foi muito bom, porque ele já estava sem a escola... Não quis mais ir pra escola, então, para ele, a música... E ele gosta mesmo... Ele já tem alguma limitação de não quer sair de casa e aqui eu sei que ele vem... Isso está colaborando com socialização dele (Avó, dezembro, 2019).

De acordo com Chiarelli (2005) e Souza (2008), nesses casos, os responsáveis apontam que a intervenção da Oficina de Percussão tem colaborado para uma melhoria da concentração e da socialização de seus filhos e netos. A importância da socialização ficou cada vez mais evidente nos relatos dos pais e responsáveis durante as entrevistas. No relato, logo abaixo, a avó de C e JP corroborou com esse entendimento acerca da importância da convivência com as crianças e adolescentes que não são autistas o que, muitas vezes, de acordo com o relato dos responsáveis, não ocorre no ensino escolar:

Simples... Foi muito bom eles terem contato... Tanto com os... Com as outras crianças, porque as crianças, aqui, estão sabendo lidar com eles... Que, às vezes, não acontece nas escolas. Por que eles têm dificuldade na escola? Porque não faz aquele trabalho pra preparar as crianças a lidarem com eles, aí eles são excluídos; eles ficam lá no ar, principalmente por essas crianças que não são autistas... Elas estarem aqui... Junto com eles... Este trabalho está sendo muito, muito bom

⁴ Não são todas as afirmativas dos entrevistados que serão problematizadas pela literatura. Tal postura está em coerência com Strauss e Corbin (2008) quando, ao se referirem à pesquisa qualitativa, afirmam que “a metodologia ordena que se leve muito a sério as palavras e as ações das pessoas estudadas” (p. 19), e ainda pela possibilidade do *codigo in vivo*, quando as codificações da análise são derivadas, entre outros aspectos, das palavras dos entrevistados, evidenciando que a análise pode partir das afirmativas e não necessariamente da literatura.

para o desenvolvimento... Para eles, autistas, conviverem com eles em harmonia; tudo porque já me falaram, assim: “Mas como que eles conseguem conviver e tocar”? Eu digo assim: “Só quem vai lá ver”! O professor consegue dá aula, e tu não vê eles falando...Que geralmente começa a falar... O professor não interrompe a aula pra pedir silêncio... Que, geralmente, seria o normal, né? Eles vão com maior vontade de aprender e querem estar lá (Avó, dezembro, 2019).

No próximo relato, curiosamente, os pais de CE destacaram que a maior convivência entre as crianças com Transtorno do Espectro Autista e as crianças que não são autistas colabora para a melhoria do seu aprendizado.

Há uma avaliação positiva dessa convivência: Eu acho que só tem a acrescentar... É para ele se sentir acolhido e porque a maior convivência do autista é com quem não é autista, então, não dá para encerrar os autistas todos juntos num lugar, se a convivência lá fora, na vida deles, não é só com autistas... É muito contrário... Pouco eles convivem com autistas, então eles aprendem a conviver em sociedade, né? Se tu colocar todos autistas juntos, sem outras pessoas, eles não vão aprender: cada um vai ficar no seu canto, no seu jeito... Ele tem que aprender a conviver com outras crianças o tempo inteiro... Onde eles vão, pra eles conseguirem viver em sociedade, porque, senão, eu não vejo nada de produtivo encerrar um monte de autistas juntos e separar eles de outras crianças... Não vejo nada produtivo nisso aí; produtivo é quando tu mistura, né? Eu acho que pra todos, para autista, para quem não é, porque essa nova geração da criança que tem... Aí tem que aprender a conviver com essas crianças, saber como lidar... Também que há gente mais interessada em ajudar o próximo: só vejo coisa boa (Mãe, dezembro, 2019).

Diante desses relatos, é perceptível o amparo da Oficina de Percussão na construção social dessas crianças e adolescentes e que a educação musical contribui com o seu desenvolvimento educacional: ao conviver com outros indivíduos que não são autistas, eles têm uma oportunidade de inclusão, como nos relata a mãe de CE.

Os pais e responsáveis, por meio dos relatos já explicitados, contribuem na reflexão de que a percussão tem colaborado para o desenvolvimento da interação desses sujeitos, atingindo, assim, de modo geral, também suas famílias. Diante disso, é destacado o empenho dessas famílias em contribuir com o desenvolvimento de seus filhos, ao buscar por atividades que colaborem com o tratamento do TEA, e a música se apresenta como uma das possibilidades encontradas, tal como relata o pai de JA:

Nesse último ano, a música veio como uma curva ascendente para seu desenvolvimento, principalmente a noção de grupo que ele não tinha, porque o autista tem a tendência de se isolar. Então, o grupo, aqui, faz

quebrar isso, inclusive na hora de tocar, porque ele não pode tocar antes, nem depois, tem que tocar junto com os outros: isso forma uma arquitetura de grupo na cabeça dele (Pai, dezembro, 2019).

O pai do JA compreende que a Oficina de Percussão desenvolve a percepção do coletivo por meio do trabalho oferecido em grupo, demonstrando o pertencimento do sujeito autista no grupo e a interatividade, o que é uma tarefa extremamente difícil para o sujeito com TEA. Ainda está presente no relato desse pai o impacto da educação musical, a longo prazo, na vida do seu filho: “ele chegou aqui há quatro anos atrás de um jeito e, agora, ele tá em outro nível. A música impactou muito no decorrer desse tempo na vida dele” (Pai, dezembro, 2019). De acordo com o que afirma Louro (2006; 2010; 2012) e Morales e Bellochio (2009), em consonância com os relatos supracitados, a música assume um papel de potencialidade no desenvolvimento das relações sociais e da aprendizagem. A exemplo do que relata o pai do JA, houve uma contribuição na inclusão social de seu filho, que conseguiu interagir em grupo por meio da música.

No decorrer das entrevistas, são evidenciadas as contribuições da música para o desenvolvimento desses sujeitos, demonstrando, assim, a importância do acesso dessas crianças à educação musical. Há de se destacar que esse desenvolvimento não acontece por acaso, mas, de outro modo, depende do empenho dos familiares ou responsáveis, bem como dos educadores envolvidos nas práticas. Nessa direção, o pai do JA relata que:

Vou ter que separar, agora, o desenvolvimento dele num todo... Que foi muito empenho, nosso e dele, e o projeto ajudou muito, mas não existe mágica sem empenho dos pais e do próprio aluno, porque ele é autista, mas tem que ser cobrado, tem que se empenhar, ter interesse... Nesse momento, eu trato ele como se não fosse autista, então, separo assim (Pai, dezembro, 2019).

Nesse relato, o pai do JA comenta que, para uma melhoria do desenvolvimento do aprendizado, há, pelo menos, três lados: o empenho do aluno, o interesse dos pais e o projeto no qual estão inseridos, percebendo que, dessa forma, se trata de um trabalho conjunto.

Na narrativa abaixo, que corrobora com o que afirmam Rodrigues e Freitas (2014), o pai de JA destaca que a Oficina de Percussão auxilia seu filho na superação dos medos que o acompanhavam em sua vida:

[...] Porque ele... Aqui... Ele supera os medos dele, né? Que ele tem medo de chuva, tem medo de trovão, tem medo de vento... E pode estar o tempo que tiver, as faltas que a gente tem aqui, das vezes que a gente não veio, é por viagem ou doença, se a gente está na cidade é sagrado, virou religião (Pai, dezembro, 2019).

Este é um fato muito curioso que o pai do JA traz, que seu filho, a partir da entrada na oficina de percussão, em 2016, começou a superar seus medos, de chuva, trovões e ventos, para ir às aulas de percussão, que mesmo com estes acontecimentos naturais o aluno não perdia as aulas.

Um ponto bastante relevante, acrescentado sobre o desenvolvimento da interação desses sujeitos com pessoas não autistas, o que, até então, não era focalizado nesta pesquisa, emerge quando é relatado que esse tipo de socialização é inexistente, quando os sujeitos (que não são autistas) não se relacionam com os autistas, como menciona o pai do JA:

Se eu te disser que o problema não é o autista? Muitas vezes... É... Os que não são autistas que não querem se misturar. Eu percebo, quando eu reviso o celular dele, vejo as mensagens... Ele puxando assunto, querendo fazer programas e os outros não querem... Dão uma desculpa, não conversam com ele, acaba sendo excluído do grupo... Hoje, eu percebo que o problema é de lá pra cá, não é ele que não quer se socializar, sendo que o autista geralmente tem problema de socialização (Pai, dezembro, 2019).

Frente ao que acrescenta o pai do JA, muitas vezes, a socialização de crianças e adolescentes autistas não ocorre, isso porque os indivíduos que não são autistas não querem estabelecer uma socialização com esse sujeito, dificultando a possível interação.

Esses relatos explicitam que a música tem grande potencialidade de auxiliar crianças e adolescentes, em diversos fatores, colaborando nas relações entre os sujeitos com TEA e os demais alunos envolvidos na Oficina, bem como com os seus responsáveis. A maioria dos pais e responsáveis descreve que, ao ver seus filhos e

netos evoluírem, sua satisfação é grandiosa. Dessa maneira, a Oficina de Percussão se fez necessária para todos os sujeitos envolvidos direta e indiretamente.

Contribuições e limites da pesquisa: à guisa de conclusão

Enquanto pesquisador, posso afirmar que esta pesquisa colaborou com minha formação docente, mas também para minha evolução como ser humano. Entendo que existe, sim, uma possibilidade para que todos, pensando na complexidade da diversidade estabelecida através dos marcadores sociais da diferença, possam ter, através da música, uma melhoria na qualidade de suas vidas, uma possibilidade de inclusão. E isto só poderá ser possível através da ação em projetos sociais, que permitem aos diferentes o acesso à Educação Musical.

Um dos relatos apresentados focaliza em uma importante questão: os limites encontrados para a inclusão de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. Há dificuldades, sobretudo, devido à barreira imposta pelo capacitismo⁵ das pessoas que não fazem parte do espectro, pois não querem se relacionar com indivíduos com deficiência. A música, assim, pode ser um caminho para que essa interação aconteça, conforme constatado em alguns aspectos desta pesquisa e da prática educacional objeto de estudo.

De fato, existem limites sociais que não colaboram para a inclusão dos sujeitos com TEA. Contudo, a exemplo da Oficina de Percussão, esses limites podem ser ultrapassados e algumas barreiras rompidas. Como resultado, tanto para os sujeitos com o Transtorno do Espectro Autista quanto para suas famílias, é observada uma melhoria no desenvolvimento social, na cognição, na interação, e na qualidade de vida. Neste sentido, a oficina aqui citada traz para a sociedade uma forma de incluir crianças e adolescentes com o Transtorno do Espectro Autista e trabalhar uma melhora na qualidade de vida para esses indivíduos, colaborando também com suas famílias, ao verem que seus filhos estão tendo uma melhora e uma evolução em seus conhecimentos, tanto musicais como em sua vida escolar e social.

⁵ Capacitismo: o ato de discriminar pessoas com deficiência (PCD), sendo ela física ou intelectual, tendo-as como inferiores (incapazes), com um menor valor dentro da sociedade. É descrito como problematizador por Ruchiga (2023) quando esta autora, possuindo TEA, comenta sobre suas experiências como professora de música.

Cabe ressaltar, por fim, que esta pesquisa foi uma proposta inicial. Sendo uma pesquisa de entrevista com responsáveis, possuindo limitações no que se refere ao estudo do comportamento dos alunos em questão uma vez que, mesmo interagindo com eles, não gerou dados diretamente dessa interação. Pretendo dar continuidade e ampliar a investigação sobre a música como instrumento de inclusão dos sujeitos com TEA, aprofundando o estudo acerca dos demais fatores atrelados aos benefícios dela para o bem-estar desses sujeitos e suas famílias. Entendo a música como uma possibilidade de transformação social para crianças e adolescentes com TEA, suas famílias e as pessoas com quem se relacionam, mas, também, para aqueles que, por preconceito ou desconhecimento, não convivem com este público: a música é, afinal, uma possibilidade e um caminho de transformação.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **A Aventura (Auto)Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In ANDRÉ, M. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: 2004.

ARANTES, Lucielle F. **“Tem gente ali que estuda música para a vida!”: um estudo de caso sobre jovens que musicam no projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

ARROYO, Margarete. **Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música**. 1999. 360 p. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

BRESLER, Liora. **Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, 7-15, mar. 2007.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Petrópolis, 2003

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: A música como meio de desenvolver a integração do ser**. Recreat, Santiago de Compostela, jun. 2005.

COSTA, NETO, Ivo Pereira da. **Limites e possibilidades da educação musical inclusiva: as práticas percussivas do projeto social Atoque**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

GOES, R. S. A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e o aprimoramento do código linguístico. **Revista do Centro de Educação a Distância CEAD/UDESC**, 2 (1), 27-43, 2009.

JUNGES, Fernanda. **Canto coral em projetos sociais: trajetória de uma educadora em Santa Maria-RS**. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, março de 2004.

KLEBER, Magali Oliveira. **A prática da educação musical em ONGs: dois estudos de casos no contexto urbano brasileiro**. 2006. 355f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

KOHLRAUSCH, Estela; TEIXEIRA, Rodrigo Sacco. **Experiências artísticas com pessoas idosas: alguns contrapontos na fermata pandêmica**. Revistada FUNDARTE. Montenegro, p. 01-16, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.

Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index>30demarcode2021>.

MANTOAN, Maria T. E. Educação Escolar de Deficientes Mentais: Problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. *In* **Cadernos CEDES**. vol. 19. n. 46. Campinas, 1998. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacoeducar/educacaoespecial-sala-maria-terezamantoan/ARTIGOS/Educacao-escolar-de-deficientes.pdf>. Acessado em: 10 jan. 2021

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MORALES, D. S.; BELLOCHIO, C. R. A educação musical especial em produções dos Encontros Nacionais da ABEM. *In* CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 18, e SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15, 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: ABEM, 2009. p. 114- 126.

OLIVEIRA, F. A. **Pedagogia musical online: um estudo de caso no ensino superior de música a distância**. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PAIVA, Rodrigo Gudín; POZZI, Cristina Maria. Grupo de percussão e educação musical para crianças com autismo. *In* **Anais do I Congresso Brasileiro de Percussão**. Campinas: Unicamp, 2017, p. 473-482.

RODRIGUES, Jessika Castro; PEREIRA, Cláudio Ludgero Monteiro. Desenvolvimento global do adolescente com diagnóstico de Transtorno Autista inserido em turma de educação musical para crianças e adolescentes com e sem transtorno. *In* CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: ABEM, 2011.

ROZZINI, José Everton da Silva. **Educação musical na Cuíca: percussões e repercussões de um projeto social**. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

RUCHIGA, Ana Laura Machado Nucci **Por uma Educação Musical Afetiva, Inclusiva e baseada em metodologias ativas: um manifesto dentro das normas (da ABNT)**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

SOUZA, Ângela Maria C. et al. **Caminhos da inclusão. Centro de Reabilitação e Readaptação** Dr. Henrique Santillo e Associação Brasileira de Paralisia Cerebral. Goiânia: Kelps, 2008.

STRAUSS, Anselm.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução de Luciane de Oliveira Rocha, 2ª edição, Porto Alegre: Artmed. 2008.

TÓLIO, Marcio Luiz. **Atoque-Música-Família: significados da educação musical em projeto social**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

Ivo Pereira da Costa Neto concluiu o mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e possui graduação em Música - Bacharelado em Percussão UFSM (2019). Atuou como professor do projeto social Atoque, Orquestra Jovem Recanto Maestro e do projeto social Madre Francisca. Tem experiência na área de música, com ênfase em instrumento de percussão, tendo atuado como percussionista da Banda Sinfônica da UFSM nos anos de 2017 e 2019. Atuou também no Grupo de Percussão da UFSM de 2008 a 2018 e foi percussionista da Orquestra Sinfônica de Santa Maria de 2013 a 2016. Atualmente, é instrutor de bateria e percussão na escola Oficina de Talentos/Prefeitura de Panambi (RS) e professor de percussão no Colégio Evangélico de Panambi (CEP).

<http://lattes.cnpq.br/3342227108811060>

Ana Lúcia Louro possui graduação em Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1991), mestrado em Música pela mesma instituição (1995) e doutorado em Música também pela UFRGS (2004). Atualmente, é professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: narrativas de si, educação musical, formação de professores, identidades profissionais e cursos superiores de música. É líder do grupo NarraMus e membro do Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil e do grupo de pesquisa Ecom (Educação Musical e Cotidiano).

<http://lattes.cnpq.br/8744911424416533>